

O RAP como ferramenta discursiva: Análise de Discurso sobre mudança climática e degradação ambiental

Raquel Conceição de Souza¹

Resumo

Com os recorrentes acontecimentos envolvendo desastres socioambientais, as comunidades mais impactadas são as populações vulneráveis resididas em áreas de risco. Assim sendo, este artigo buscou analisar, por meio das letras de *Rhythm and Poetry* (RAP), como os artistas expõem e denunciam essa realidade. Para tanto, será utilizada a Análise de Discurso (AD), proposta por Michel Pêcheux, que não se limita a observar as letras, mas considera o locutor, sua vivência e todos os elementos que compõem o discurso. Os resultados apontam que as letras de RAP abordam questões relacionadas a desastres, poluição, saneamento e queimadas, alertando para as suas sequelas. Ademais, reafirmam a conexão das comunidades indígenas com a natureza e evidenciam como essa relação é continuamente desrespeitada. Além disso, apresentam formas de questionar e expor as mazelas socioambientais. Por fim, conclui-se que as letras analisadas evidenciam como o RAP funciona como instrumento de denúncia e conscientização sobre problemáticas socioambientais, articulando experiências vividas nas periferias e em comunidades tradicionais. Os artistas selecionados utilizam uma linguagem didática e popular, promovendo a conexão com uma população que vive a mesma realidade e, assim, por meio desses discursos, adquire conhecimentos sobre seus direitos relacionados ao meio ambiente, ao clima e ao saneamento básico.

Palavras-chave

RAP. Discurso. Degradação ambiental. Mudança climática.

¹ Mestranda em Culturas e Identidades Brasileiras na Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: raaquelcsouza@gmail.com.

Rap as a discursive tool: Discourse Analysis on climate change and environmental degradation

Raquel Conceição de Souza¹

Abstract

With the recurring occurrence of socio-environmental disasters, the communities most impacted are vulnerable populations living in risk areas. Thus, this article sought to analyze, through the lyrics of Rhythm and Poetry (RAP), how artists expose and denounce this reality. To this end, Discourse Analysis (DA), as proposed by Michel Pêcheux, will be used. This approach does not limit itself to observing the lyrics, but also considers the speaker, their lived experience, and all the elements that make up discourse. The results indicate that RAP lyrics address issues related to disasters, pollution, sanitation, and wildfires, warning about their consequences. Furthermore, they reaffirm the connection between Indigenous communities and nature and highlight how this relationship is continuously disrespected. In addition, they present ways of questioning and exposing socio-environmental problems. Finally, it is concluded that the analyzed lyrics show how RAP functions as an instrument of denunciation and awareness regarding socio-environmental issues, articulating lived experiences from urban peripheries and traditional communities. The selected artists use didactic and popular language, promoting a connection with a population that lives the same reality and, thus, through these discourses, acquire knowledge about their rights related to the environment, climate, and basic sanitation.

Keywords

RAP. Discourse. Environmental degradation. Climate change.

¹ Master's student in Brazilian Cultures and Identities, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. Email: raaquelcsouza@gmail.com.

Introdução

A arte e os movimentos sociais constituem meios de expressar realidades, desejos e, com frequência, as vozes de povos e comunidades historicamente silenciadas. Por meio de letras, danças e reivindicações, esses grupos expõem suas vivências e denúncias. Um exemplo disso é o movimento *hip-hop*, criado e disseminado por comunidades negras e porto-riquenhas que viviam assoladas pela miséria e desigualdades na década de 1970 nos Estados Unidos da América (EUA). Ao chegar ao Brasil na década de 1980, o movimento foi abraçado pela população negra e periférica, revelando seu caráter de adaptabilidade; apesar de sua disseminação em todo o território nacional, o estado de São Paulo (SP) foi essencial em sua história.

O movimento é composto por cinco elementos, sendo eles: *breaking*, grafite, MC (Mestre de Cerimônia), DJ (*Disc Jockey*) e o conhecimento, porém o foco deste estudo será no conhecimento disseminado por meio do *Rhythm and Poetry* (RAP), trabalhado pelos MC em eventos, músicas, *freestyle* e batalhas de rima. Esse elemento une questões primordiais para compreender o processo de crescimento e ressignificação do movimento.

Inicialmente, o conhecimento apresenta o caminho e as reflexões necessárias para a compreensão da própria identidade com base nos saberes ancestrais, comumente apagados. Essa ação desencadeia um conhecimento político, levando os agentes do movimento a atuarem em prol de pautas em comum, transferidas para os seus discursos e proferidas em suas letras.

Enquanto um movimento que, constantemente, promove o compartilhamento da própria realidade, exposição das desigualdades e o pouco aparato estatal, o discurso torna-se crucial para se conectar com o público e dialogar diretamente com o agente opressor no âmbito de questões ambientais, ou seja, o próprio Estado e as grandes empresas. Dessa forma, não são somente as letras que devem ser analisadas, mas sim o próprio artista, sua história, a narrativa, suas roupas e formas de se expressar – aspectos que compõem todo o discurso (Caregnato; Mutti, 2006).

Desse modo, a questão norteadora deste artigo é: “Como as letras de RAP abordam as temáticas ambientais? Quais são os assuntos, as reivindicações, as problemáticas e soluções solicitadas?”. Logo, pretende-se identificar o que compõe esse discurso além de sua letra, ou seja, quem é o locutor e como ele se conecta com a questão discutida. Assim, será possível observar tudo o que compõe esse discurso, desde o conteúdo, o locutor, o interlocutor e a mensagem transmitida.

Portanto, a Análise de Discurso (AD), defendida por Michel Pêcheux ([1969]/1993), constitui a metodologia selecionada para esta investigação. O foco da análise recai sobre as denúncias relativas à degradação ambiental, abrangendo suas consequências, como os desastres ambientais e climáticos, bem como questões relacionadas à poluição e ao saneamento básico. Embora sejam temas de urgência global, ao se examinarem seus danos e os grupos mais impactados, constata-se que eles são justamente as comunidades mais vulneráveis, resididas em áreas suscetíveis a desastres e com menor acesso a seus direitos fundamentais. Ademais, discutir meio ambiente e clima configura uma forma de promover educação ambiental e conscientizar as comunidades acerca de seus direitos, deveres e do papel do Estado.

O RAP como uma literatura marginal reivindicatória

O movimento *hip-hop* originou-se como fruto de um processo de hibridização e reinvenção de práticas e elementos culturais da Jamaica e dos EUA, além da forte influência das comunidades afro-americanas e porto-riquenhas que viviam no Bronx (Nova Iorque, EUA). Nesse processo de emancipação e disseminação, diversos nomes se sobressaem, como: Afrika Bambaataa, Kool Herc, Cindy Campbell, Grandmaster Flash, entre outros.

O período de introdução nos EUA ocorreu por meio de Afrika Bambaataa, em uma época marcada por uma forte crise econômica em meados de 1973 a 1975, acarretando uma intensificação das desigualdades sociais e econômicas já existentes (Rose, 2021). Esse processo reforçou uma necessidade de aproximação e trocas, na qual denúncias e reivindicações da comunidade eram disseminadas por meio da arte, especificamente as rodas culturais e os eventos.

Os cinco elementos supracitados foram difundidos internacionalmente, entretanto, é válido reforçar que práticas como o grafite, *breaking* e MC possuem uma história anterior ao movimento, com outros nomes e formas de ação que revelam um processo de hibridização.

O grafite é uma das artes mais antigas existentes, utilizado na pré-história com pinturas e desenhos nas paredes, constituindo uma forma de comunicação entre os povos (Leal, 2004). A sua conexão com o movimento surgiu em meados da década de 1960 nos EUA, por meio do fenômeno conhecido como “bombardeio”, promovendo grafites nos trens e metrô, bem como expandindo o alcance e a visibilidade.

O *breaking*, enquanto uma forma de expressão corporal, possui movimentos que descendem do *Up Rocking*, *Popping* e *Locking*²; com essas heranças e moderada inovação, criou-se o *breaking*.

O trabalho dos DJ, por sua vez, é próximo da atuação dos MC, comumente atuando em conjunto em festas e eventos. Nesse contexto, cabe ressaltar que Koerl Herc e Grandmaster Flash revolucionaram a arte, sendo grandes precursores e professores para as gerações seguintes. Além disso, os MC, enquanto pessoas cujo objetivo é conhecer e animar o seu público, são comumente referenciados por possuírem conexões com os Griots³ (Leal, 2004).

O conhecimento constitui um dos elementos mais importantes do movimento. Em seu trabalho, Marcos Zibordi (2015) menciona que, apesar de muitas pessoas o colocarem como o quinto elemento – sendo o último a ser legitimado pelo movimento –, ele poderia ser o primeiro. Devido ao seu caráter transversal e emancipatório, diante de um movimento que conecta uma comunidade com os seus saberes e fomenta a sua disseminação e troca, é válido ressaltar que o apontamento de Zibordi (2015) torna-se necessário.

Nesse horizonte, o RAP une o trabalho dos DJ com os seus sons e batidas, e o trabalho dos MC com o canto e as rimas. No entanto, o conhecimento e as reivindicações estão presentes nas letras, ou até no modo de vida, conectando-se diretamente com o público – especialmente aqueles que vivenciam as mesmas realidades. Enquanto um movimento político, inicialmente composto por pessoas negras e porto-riquenhas, o RAP torna-se uma voz para denunciar as opressões, sendo uma ferramenta para uma população constantemente silenciada.

O processo para a sua politização se expandiu diante das necessidades das comunidades em que fazia parte. Inicialmente, era somente uma forma de lazer e troca, por meio das *block parties* (festas de rua) e rodas culturais que ocorriam nas esquinas; após isso, uniu-se a grupos e gangues rivais que utilizavam a dança e o *freestyle* para guerrear.

No âmbito musical, o primeiro grupo a ganhar visibilidade, ao denunciar as violências e desigualdades existentes, foi o *Public Enemy* – grupo formado em 1982, em Long Island (Nova Iorque, EUA). Conhecido por suas letras politicamente carregadas com críticas sociais, o grupo abordava temas como racismo, desigualdade e injustiças sociais. Entre suas músicas mais bem-sucedidas, destaca-se *Fight the Power* (Public Enemy, 1990, n.p.), canção na qual a letra discorre sobre a liberdade de expressão: “*Our freedom of speech is freedom or death /*

² O *Up Rocking*, *Popping* e *Locking* são estilos de dança existentes antes do *Breaking*, mas, com o processo de hibridização, seus movimentos foram incorporados e transformados dentro do *hip-hop*.

³ Contadores de histórias, músicos, poetas e historiadores que preservam e transmitem o conhecimento, as tradições, as canções e os mitos dos povos da África Ocidental.

We've got to fight the powers that be"⁴. Além disso, *Shut 'Em Down* (Public Enemy, 1991, n.p.): *"I testified / My mama cried / Black people died / When the other man lied"*⁵, referindo-se às figuras públicas e autoridades que, por meio de suas mentiras disseminadas, fomentam as mortes da população negra.

No Brasil, a introdução do movimento ocorreu na década de 1980, com Nelson Triunfo sendo considerado um de seus grandes precursores, atuando na criação de grupos de dança e no fomento das casas de cultura. O seu processo de politização ocorreu de diversas formas, dificultando a criação de uma cronologia; artistas como Thaíde, Sharylaine, Dexter, Facção Central, MV Bill e Sabotage fizeram parte desse processo.

Contudo, o grupo com maior repercussão nacional foi "Racionais MC's", que, por meio de seu álbum "Sobrevivendo ao inferno", expôs as desigualdades vividas nas periferias, tornando-se uma voz de denúncia e expressão. O álbum vendeu mais de 1,5 milhão de cópias e constituiu-se como um marco para a época, em um período no qual a internet não era democratizada como na atualidade. Nesse contexto, Mano Brown, líder do grupo, afirmou seu posicionamento na política:

Eu já tô na política há vinte anos, irmão. Eu faço política, tudo que eu faço, de uma forma direta ou indireta, outras vezes agressiva, outras vezes disfarçada, é política. Certo? Faço política. Faço política do meu jeito. Do meu escritório, meu escritório é a rua, é a esquina, entendeu? E eu sei o que tá pegando. Antes dos verdadeiros políticos profissionais descobrir, eu já descobri (Camargos, 2015, p. 131).

Na fala de Mano Brown *apud* Camargos (2015), evidencia-se como os artistas que compõem o movimento se enxergam como porta-vozes de um povo abandonado pelo Estado, cabendo a eles promover ações sociais em prol da sua comunidade. Camargos (2015), em seu livro *RAP é política*, discorre sobre esse processo de politização, conexão de saberes e reivindicações no movimento. De modo geral, a afirmação acima é importante para a quebra de padrões da representação e significação do que significa ser um sujeito político.

⁴ Tradução livre: "Nossa liberdade de expressão é liberdade ou morte / Nós temos que lutar contra as forças dominantes".

⁵ Tradução livre: "Eu testemunhei / Minha mãe chorou / Pessoas negras morreram / Quando o outro homem mentiu".

Quando um rapper afirma que o que ele pratica é política, sua fala adquire forte significado no interior dos debates que intelectuais como Foucault estimularam. O conceito implícito de política e de poder que transparece nesse posicionamento não se prende a um lugar de origem do qual este se projeta e se faz exercer, produzindo um desmonte da concepção tradicional do termo – que, em geral, obedece a padrões jurídicos e institucionais – ao deslocar o foco de um centro do qual emana para as operações de seu exercício (Camargos, 2015, p 130).

A diversidade de povos e culturas em território nacional apresenta um processo de hibridização no qual cada estado ou comunidade terá aspectos que o diferenciam no movimento. Assim, as reivindicações e denúncias presentes nas letras revelarão os problemas enfrentados em cada território.

Nesse contexto, o RAP oriundo da região Nordeste, por vezes, utiliza o “tambor de crioula” (Lélis, 2011), uma manifestação afro-maranhense que muitos grupos e artistas utilizam em suas letras, entre eles, o Clã Nordestino e o Criola Beat. Outrossim, o *rapper* cearense “Rapadura”, que mistura o gênero musical com o repente e o forró, aplica em suas letras citações do folclore regional e seus personagens.

Na região Norte, essa diferença ocorre por meio das referências acerca da Floresta Amazônica, utilizando elementos do folclore local e citando os problemas recorrentes da região. Um exemplo dessa conexão com a Floresta e a natureza foi a criação do Movimento Hip-Hop da Floresta (MHF), que luta em prol de uma sociedade ecologicamente melhor (Lélis, 2011).

O RAP gaúcho, por sua vez, normalmente utiliza trechos de músicas galdérias, como as “trovas” e as “milongas”, comumente utilizadas em toda a América do Sul. Além disso, o RAP da região Sudeste é o que mais se aproxima dos EUA, com ritmos e letras similares (Lélis, 2011).

Essas diferenças reforçam que, embora esse gênero possua diferenças no território nacional, ainda assim se conecta diretamente com as pautas, lutas e elementos das culturas locais. Além disso, essas diferenças também constituem frutos do processo de globalização, conforme Hall (2011, p. 74) discorre: “O processo de globalização tem, assim, um impacto profundo nas culturas locais, não porque as destrói, mas porque as transforma, insere-as em uma rede global de significados, reconfigurando suas fronteiras e suas identidades”.

A globalização promove uma maior divulgação e conexão com pessoas que, anteriormente, não teriam contato frequente e de fácil acesso com essas letras e sons. Ademais, cria ramificações que reforçam as identidades culturais de povos e comunidades, como o RAP indígena.

Primordialmente, Nascimento (2014) afirma que um dos primeiros grupos a compor esse movimento foi o “El Alto”, no oeste da Bolívia, ao unir elementos de distintas matrizes culturais e de práticas comunicativas, desde o aymara, castelhano, inglês, quechua e português, além do uso de flautas e tambores em suas músicas. No Brasil, um dos precursores é o grupo “Brô MC’s”, composto por jovens indígenas da comunidade Kaiowá, residentes na aldeia Bororó Jaguapirú, localizada no Mato Grosso do Sul (MS); em suas letras, os artistas articulam narrativas locais que exploram as ramificações da colonialidade por meio do RAP.

Dessa forma, evidencia-se como o movimento se reinventa e se adapta diante da sociedade, de ferramentas disponíveis e das dores dos territórios em que se encontra. Enquanto um agente que dialoga com diversas pautas reivindicatórias, a degradação ambiental compõe esse rol de assuntos. Na sociedade global, tecnológica e conectada, é recorrente a disseminação constante dos impactos que a mudança climática e as grandes empresas causam, especialmente quando ocorrem desastres ambientais e tecnológicos, enchentes ou alagamentos. Áreas como saúde, meio ambiente e direitos básicos são diretamente impactadas, nas quais aquelas com maior vulnerabilidade social são as mais atingidas, incluindo comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas.

Mudança climática e degradação ambiental

A degradação ambiental configura um conjunto de ações que ocorre desde a imposição da civilização, se intensificando com o processo de urbanização e industrialização. As práticas ocorrem em todo o território nacional e, ao longo dos anos, atingem novas dimensões. Esse processo se intensificou após a Revolução Industrial, tendo o foco global em produção, aquisição de capital e alta produtividade. Diante dessas prioridades, o meio ambiente e a sustentabilidade constituem os principais impactados.

Em 2021, a Amazônia registrou a maior taxa de desmatamento dos últimos 15 anos (Brasil, 2021). A Floresta Amazônica é crucial para a biodiversidade nacional e para equilibrar o clima do planeta, devido ao seu processo de captura e estocagem de carbono (CO₂). Contudo, os problemas não cessam; em 2020, o Brasil registrou o maior número de focos de incêndios (Passarinho, 2022).

Nesse sentido, uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que as queimadas e os desmatamentos ocorrem em todas as regiões do país. Além disso, a poluição dos rios e enseadas foi detectada em 38% das cidades brasileiras; acerca da contaminação dos solos, 33% dos municípios foram afetados. Por fim, a

pesquisa ainda conclui que 77% das águas do Rio de Janeiro (RJ) estão poluídas, enquanto as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil apresentam o ar mais poluído (IBGE, 2005). Os principais impactados são as comunidades mais vulneráveis, que comumente vivem sem saneamento básico e próximas aos espaços com esgotos a céu aberto.

Em complemento, é essencial mencionar a mudança climática. De acordo com o *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC), o aquecimento global antropogênico tem provocado alterações que influenciam a vida animal e humana. Entre as problemáticas, estão as temperaturas extremas, tempestades severas e secas prolongadas. Nos últimos anos, as temperaturas têm atingido valores históricos e aumentado gradativamente, prejudicando o equilíbrio para o bem-estar na Terra (IPCC, 2023).

Em pesquisa realizada por Peçanha, M., Freitas e Peçanha, J. (2016), os autores discorrem sobre como a degradação ambiental integra a história do Brasil. Desde o período colonial, a biodiversidade era exaltada, possuindo grande diversidade animal e florestal. Contudo, isso reforçou as práticas predatórias de retirada e comercialização dessas riquezas, por meio do trabalho escravo. Os autores reforçam que, ao criarem as Capitânicas Hereditárias, já havia um grau considerável de degradação e desequilíbrio ambiental. Esse processo se intensificou, conforme os dados demonstrados anteriormente, que reforçam as consequências desse processo iniciado há 500 anos.

Nesse contexto, um exemplo de como essas sequelas podem gerar danos de grandes proporções para a sociedade são os desastres ambientais ocasionados pela extração de minérios. No Brasil, os desastres mais comuns são as inundações, deslizamentos de encostas, secas e erosão. Em 2023, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) registrou o maior número de ocorrências de desastres. As regiões mais afetadas foram o Sul do país, os municípios de regiões metropolitanas das grandes capitais, o Vale do Maranhão (MA), o sudeste do Pará (PA) e os municípios ribeirinhos do Rio Amazonas, totalizando 524 mil pessoas desalojadas (Brasil, 2024).

Essa relação entre capital, consumo, produção e natureza é comentada por Ailton Krenak (2019). O autor critica o modelo de desenvolvimento ocidental e destaca a importância de aprender com as culturas indígenas para estabelecer uma relação mais sustentável com a natureza. Em consonância, em uma reunião promovida pela Comissão de Direitos Humanos (CDH) e pela Comissão de Meio Ambiente (CMA), Thais Santos – cofundadora da Comunidade Cultural Quilombaque – afirma que as comunidades periféricas são as mais impactadas pelos desastres, incluindo comunidades indígenas e quilombolas (Brasil, 2022). No mesmo evento, Denildo Moraes – representante da Coordenação Nacional de Articulação de

Quilombos (Conaq) – menciona que “[t]emos pagado muito caro por sermos os guardiões da floresta, inclusive com sangue e a vida” (Brasil, 2022, n.p.). As falas mencionadas revelam como esse modelo de desenvolvimento corrobora com a deterioração, além de apontar quem são os mais atingidos.

Procedimentos metodológicos

Conforme supramencionado, a metodologia adotada neste trabalho é a AD, proposta por Michel Pêcheux ([1969]/1993). Enquanto uma análise discursiva, o foco ultrapassa a análise das palavras, gramática e textualidade. O discurso inclui as letras, oralidade, interpretação e o narrador que dissemina a sua ideologia e crenças em suas falas. Conforme Caregnato e Mutti (2006) discorrem, trata-se de uma análise que articula o linguístico com o social e o histórico. Dessa forma, a linguagem não se limita às suas regras formais, mas atribuímos a ela um valor simbólico; o intuito não é somente propagar informações, mas conscientizar por meio de um discurso.

De acordo com Ferreira, Sousa e Santos (2021), Pêcheux apresenta três elementos para uma AD: a) o acontecimento; b) a estrutura; c) a tensão entre descrição e interpretação. Assim sendo, o discurso configura um processo de divisão e desconstrução, permitindo sua análise. Dessa forma, após essas três etapas, é possível promover uma avaliação que observe a ideologia, subjetividade e mensagem presentes na fala. Além disso, as questões estéticas e culturais que entram nos campos da subjetividade e da coletividade podem integrar a análise (Pêcheux, [1983]/1990).

Dessa forma, cinco músicas foram selecionadas para a análise deste escrito: *Passarinhos*, de Emicida (2015), em parceria com Vanessa da Mata; *A cada passo*, de Nego Max (2016); *Mãos vermelhas*, de Kaê Guajajara (2019); *Resistência nativa*, de Brô Mc’s, OZ Guarani e Owerá MC (Brô Mc’s; Guarani; Owerá MC, 2021); e, por fim, *Dai a Cesar o que é de Cesar*, de Cesar MC (2021). As músicas foram selecionadas com base em dois critérios principais: 1) a presença explícita de temáticas socioambientais nas letras; 2) a relevância dos artistas no cenário do RAP brasileiro contemporâneo. A análise buscou identificar padrões discursivos recorrentes relacionados à denúncia da degradação ambiental, à identificação de agentes responsáveis e à reivindicação por justiça socioambiental. Além disso, há o espaçamento de seis anos entre a primeira música analisada e a última, demonstrando a persistência dessas questões e as diferentes formas de discorrer sobre as problemáticas.

Não foi por falta de aviso: análise das letras

A arte, sendo utilizada como forma de expressão, se propõe diariamente a demonstrar e denunciar as problemáticas individuais e coletivas que o ser humano possui, muitas vezes a partir de uma visão subjetiva e aberta a interpretações. Porém, ao aprofundarmos nas formas de expressão escritas e faladas, o uso das palavras pode ser em tons metafóricos ou mais diretos, como o RAP. Douglas Kellner (1995) afirma que esse gênero é uma forma de expressão e exposição da vida, visão e vivência política, sendo uma ferramenta de comunicação e luta para a comunidade em que ele estiver presente. O discurso presente nas letras revela aspectos além de simples palavras, especialmente ao compreendermos as pessoas envolvidas na sua criação e disseminação. Mariane Lourenço (2010), por sua vez, afirma que as letras de RAP são narrativas de vivências e do dia a dia dos seus narradores. Assim, podem ser descritivas, figurativas, narradas ou cantadas, mas em todas carregam uma crítica social inserida em seu discurso.

Enquanto um movimento composto majoritariamente por pessoas negras ou residentes de regiões periféricas, capazes de refletir as suas realidades nas letras de suas músicas, o seu discurso ganha um poder reivindicatório e expositor da miséria, pobreza e violências vividas. Dessa forma, as sequelas da constante exploração ambiental são assuntos que fazem parte desse discurso.

A cidade de São Paulo/SP, conhecida como um grande polo de desenvolvimento econômico, possui grande fluxo migratório. Esse processo ocorre sem qualquer controle estatal, permitindo casas em regiões com risco de deslizamento, enchentes e desastres ambientais ou climáticos, além da própria poluição. Na música *Passarinhos*, de Emicida (2015, n.p.), em parceria com Vanessa da Mata, evidencia-se essa pauta:

*Era neblina, hoje é poluição
Asfalto quente queima os pés no chão
Carros em profusão, confusão
Água em escassez, bem na nossa vez*

A letra acima aborda a escassez de água, relatando um problema persistente no Brasil, seja a seca ou o racionamento. Nesse horizonte, a poluição e problemas relacionados à urbanização desenfreada, sem qualquer olhar para um bem-estar sustentável, interferem diretamente na vida da população. Nesse discurso, os problemas apresentados refletem escassez

de recursos básicos, como também o desconforto de se viver em meio ao chão quente e trânsito diário.

A produção em massa, apropriação de terras, mineração e o pouco suporte estatal nas regiões de maior vulnerabilidade resultam em diversos problemas, entre eles os desastres ambientais. Isso é mencionado na música de Cesar MC (2021, n.p.) intitulada *Dai a Cesar o que é de Cesar*:

*Passando pelo vale da sombra da morte
A lama da morte ainda é a Vale
Mano, não importa quanto tempo passe
Vidas não se pagam, então não se cale*

Em seu discurso, o artista reforça termos como “lama”, “morte” e “Vale” – nome da empresa mineradora envolvida nos desastres de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais (MG); foram 2,2 milhões de pessoas impactadas, muitas ainda lutam judicialmente por alguma reparação (O Desastre, [20--?]). Esses desastres simbolizam a negligência sistêmica da vida humana e dos recursos naturais, produzindo imagens compartilhadas em escala internacional.

Os povos indígenas são afetados desproporcionalmente pelos desastres ambientais e pela emergência climática intensificada a cada ano. Sua conexão com a natureza constitui sua cultura e tradição, dessa forma, preservar esse ambiente é crucial para a sua sobrevivência. Essa luta é mencionada na letra de Kaê Guajajara (2019, n.p.), intitulada *Mãos vermelhas*:

*Tic tac, tic tac, o agro não é tech
Não é pop e também mata
Vestem rosa ou azul
Com as mãos manchadas de vermelho*

Em complemento, a música *Resistência nativa*, dos artistas Brô Mc’s, OZ Guarani e Owerá MC (Brô Mc’s; Guarani; Owerá MC, 2021, n.p.), aborda a necessidade de pensar nas vidas e na proteção das crianças:

*Os brancos destruíram as florestas
Sujaram as nossas águas
Como as crianças vão viver se estão destruindo estas terras?*

A relação entre as comunidades indígenas e a natureza constitui uma troca recíproca e necessária para a sua existência. Ao representar um suporte para a sua vida, não se configura

uma relação apenas de apropriação, produção e degradação, mas de cuidado contínuo, uma vez que um necessita do outro (Souza *et al.*, 2015).

Atualmente, um dos problemas enfrentados com maior recorrência são as queimadas, que alcançaram números alarmantes em 2021 (Brasil, 2021) e, nos anos seguintes, continuaram sendo um assunto prioritário. Esse tema se encontra presente na música de Nego Max (2016, n.p.), especificamente na letra de *A cada passo*:

*Eu queimo o meu mato
E eles falam que eu queimo neurônios
Eles queimam a mata
E furam a camada de ozônio
Egoístas, destroem a Terra
Pra aumentar o seu patrimônio*

As queimadas interferem diretamente na sua vivência, bem como em abrigos, alimentação e saúde. Além disso, ocorrem de forma intensa, constatado pelos danos que alcançam em diversas regiões do Brasil. O trecho acima, além de abordar a problemática, conversa diretamente com os agentes envolvidos nas queimadas, como também aponta a ineficácia estatal e a cobiça presente nesse ato.

Ao aplicarmos a metodologia de Pêcheux ([1969]/1993; [1983]/1990) acerca do acontecimento, da estrutura e da tensão entre o que é descrito e a interpretação, vale destacar, inicialmente, que as músicas apresentaram problemáticas fortemente abordadas na atualidade. Isso é evidente na produção de artigos com temática similar: em 2001, havia-se publicado apenas 15 trabalhos sobre mudança climática, tendo no mínimo um autor brasileiro; em 2022, o número aumentou para 1.250 (Publicações, 2023). As questões socioambientais ocorriam antes desse período (2001 a 2022), mas a recorrência e menor espaçamento temporal nos eventos climáticos recentes levantaram maior atenção. Isso nos apresenta os acontecimentos que fundamentam os discursos, nos quais os artistas, pessoas negras e indígenas, estão inseridos. Trata-se de corpos e realidades distintas, mas, similarmente, as suas declarações promovem ao interlocutor interpretações próximas. Isso ocorre devido à ideologia que carrega uma reivindicação, um senso de pertencimento cultural e uma forma de se comunicar (Pêcheux, [1969]/1993).

Nos discursos apresentados, as comunidades indígenas são representadas por Kaê Guajajara (2019), além de Brô Mc's, OZ Guarani e Owerá MC (Brô Mc's; Guarani; Owerá MC, 2021). Os artistas relatam as sequelas vivenciadas cotidianamente pelas comunidades indígenas e como elas interferem no seu direito à terra e à vida. Na letra apresentada,

pertencente a Emicida e Vanessa da Mata (2015), bem como na letra de Nego Max (2016), retrata-se a realidade urbana – poluída e desigual. Por fim, na letra de Cesar MC (2021), percebe-se um desabafo diante de duas grandes catástrofes: os desastres de Mariana/MG e Brumadinho/MG. Ao destrincharmos esses discursos, observam-se as seguintes similaridades: a denúncia do problema, o apontamento do narrador sobre as sequelas e o questionamento destinado às pessoas responsáveis.

Enquanto disseminadores da própria realidade, atingindo grandes massas e levando-as à reflexão, os artistas se revelam no papel de intelectuais orgânicos, conforme proposto por Gramsci (2001): pessoas capazes de expressar as suas próprias experiências de opressão, além de se articular, transformar essas denúncias em um discurso político e disseminar essas informações, reivindicando os seus direitos por meio da arte. Ao criar suas letras e proferir suas vivências, há uma pedagogia da resistência (hooks, 2013) presente, especialmente por transmitir suas dores de forma didática e conectada com a própria comunidade, além de disseminar a informação para aqueles que desconhecem os fatos e as reivindicações que compõem essas narrativas.

Considerações finais

Os movimentos sociais e, neste caso, o movimento *hip-hop*, desempenham um papel crucial em dar visibilidade aos oprimidos. Apesar do imaginário popular associar o movimento ao crime, o que coloca seus artistas à margem da sociedade, eles continuam proferindo diariamente seus discursos e reivindicando seus direitos e espaços negados.

A degradação ambiental é um problema histórico e incrustado desde a chegada dos portugueses no Brasil, que, ao chegarem com os conceitos de produtividade, extração e comércio, destruíram e se apropriaram de tudo o que podia render algo. Com o passar dos séculos e com a industrialização, esse processo se acentuou e expandiu-se mundialmente, culminando em sequelas devastadoras na contemporaneidade. Apesar de parecer um assunto recente, comunidades indígenas e quilombolas já avisaram com veemência que a resposta da natureza chegaria, bem como as formas como essas comunidades seriam impactadas. Ou seja, não foi por falta de aviso.

A partir da AD, é possível reforçar o papel político e reivindicatório presente nas músicas selecionadas, uma vez que não apenas apresentam suas denúncias nas letras, como também na enunciação, ideologia do locutor, vestimenta, estética e cultura. Os artistas e suas letras apresentam pautas relevantes na contemporaneidade, contrastando com a realidade diária

de parte de seu público ouvinte, refletidas não somente nas letras, mas nos dados do IBGE (2005) e do IPCC (2023). Apesar de serem pessoas de regiões, realidades e histórias diferentes, os discursos se conectam e somatizam ainda mais as reivindicações em prol do meio ambiente, direito à terra, saúde e bem-estar.

Assim, observa-se que as letras de RAP constituem uma ferramenta coletiva para evidenciar questões sociais e solicitar a devida atenção para o debate e a implementação de soluções. Nas letras apresentadas, isso ocorre de forma propositiva ao destrinchar os discursos para a análise. Logo, três pontos em comum foram encontrados: apresentação do culpado, exemplificação das sequelas e reivindicação de uma solução. Os culpados variam entre o Estado, devido à sua ineficiência em garantir direitos básicos, e as grandes empresas na busca pelo lucro. As sequelas deixadas são imensuráveis para a saúde e o direito à vida, algo evidente perante a preocupação com o futuro das crianças indígenas, o desconforto com a cidade e o impacto em larga escala dos desastres ambientais. A reivindicação de uma solução ou atuação do Estado, por sua vez, se apresenta em forma de desabafo a esse desamparo diante de problemas recorrentes.

Por fim, as letras selecionadas para a análise reforçam que a questão ambiental e suas sequelas são retratadas há mais de uma década, servindo como aviso e desabafo daqueles que são os mais atingidos. Dessa forma, conclui-se: a) o discurso presente no movimento *hip-hop* é uma ferramenta viável para analisar a presença de problemáticas constantes para um território ou comunidade; b) a possibilidade de as expressões artísticas e culturais serem uma forma de comunicação que fomenta a mobilização social; c) é existente a possibilidade de promover enriquecimento e desenvolvimento intelectual acerca da causa socioambiental.

Referências

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Estimativa de desmatamento por corte raso na Amazônia Legal para 2021 é de 13.235 km²**. São José dos Campos: MCTI, 2021. Disponível em: <http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/estimativa-de-desmatamento-por-corte-raso-na-amazonia-legal-para-2021-e-de-13-235-km2>. Acesso em: 22 fev. 2026.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. Em 2023, Cemaden registrou maior número de ocorrências de desastres no Brasil. **Gov.br**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/01/em-2023-cemaden-registrou-maior-numero-de-ocorrencias-de-desastres-no-brasil>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BRASIL. SENADO FEDERAL. Negros e indígenas são os mais afetados por catástrofes ambientais, aponta debate. **Senado Notícias**, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/27/negros-e-indigenas-sao-os-mais-afetados-por-catastrofes-ambientais-aponta-debate>. Acesso em: 22 dez. 2024.

BRÔ MC'S; GUARANI, O.; OWERÁ MC. Resistência nativa. **Spotify**, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1m841EOt9OL7K61CXzhFap>. Acesso em: 22 fev. 2026.

CAMARGOS, R. **RAP e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. DOI 10.1590/S0104-07072006000400017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CESAR MC. Dai a Cesar o que é de Cesar. **Letras**, 2021. CD (3 min 50 s). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cesar-mc/dai-a-cesar-o-que-e-de-cesar/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

EMICIDA. Passarinhos (part. Vanessa da Mata). **Letras**, 2015. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/emicida/passarinhos/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

FERREIRA, J. A. A.; SOUSA, F. A. O.; SANTOS, A. S. Análise do Discurso de Pêcheux: a formação discursiva em músicas do estilo de heavy/thrash metal no contexto indígena amazônico. **Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81 supl., p. 591-603, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/902>. Acesso em: 22 fev. 2026.

O DESASTRE: rompimento da barragem de Fundão: um desastre que não acabou. **Fundação Getúlio Vargas**, [20--?]. Disponível em: <https://projetoriadoce.fgv.br/o-desastre>. Acesso em: 23 set. 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere (vol. 2): os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUAJAJARA, K. Mãos vermelhas. **Letras**, 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/kae-guajajara/maos-vermelhas/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE investiga o meio ambiente de 5.560 municípios brasileiros. **Agência IBGE**, 2005. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/12936-asi-ibge-investiga-o-meio-ambiente-de-5560-municipios-brasileiros>. Acesso em: 22 dez. 2024.

IPCC. INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. Summary for policymakers. In: LEE, H.; ROMERO, R. (org.). **Climate change 2023: synthesis report**. Genebra: IPCC; WMO; Unep, 2023. p. 1-34.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 1995.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEAL, S. J. M. **Acorda hip-hop!** São Paulo: Novo Século, 2004.

LÉLIS, R. A regionalização do hip hop no Brasil sob a ótica da Geografia: horizontalidades e verticalidades. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, n. Especial 47, p. 1-10, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2457>. Acesso em: 17 maio 2025.

LOURENÇO, M. L. Arte, cultura e política: o movimento hip hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicología para América Latina**, México, n. 19, n.p., 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2010000100014&script=sci_arttext. Acesso em: 8 jan. 2025.

MAX, N. A cada passo. **Letras**, 2016. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/nego-max/a-cada-passo/>. Acesso em: 5 mar. 2026.

NASCIMENTO, A. M. O potencial contra-hegemônico do RAP indígena na América Latina sob a perspectiva decolonial. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 91-127, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1285>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PASSARINHO, N. COP27: 3 gráficos que mostram piora do Brasil em desmatamento, queimadas e emissões de CO2. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63614414>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PEÇANHA, M. P.; FREITAS, N. P.; PEÇANHA, J. L. G. 500 anos de degradação ambiental no Brasil. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 26, n. 1, p. 171-183, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2697>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 59-158. Trabalho original publicado em 1969.

PÊCHEUX, M. Discourse: structure or event? In: MALDIDIER, D. (org.). **L'inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux**. Paris: Éditions des Cendres, 1990, p. 303-323. Trabalho original publicado em 1983.

PUBLICAÇÕES científicas sobre mudanças climáticas. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 333, 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/publicacoes-cientificas-sobre-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PUBLIC ENEMY. Fight the power. **Letras**, 1990. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/public-enemy/31847/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

PUBLIC ENEMY. Shut 'em down. **Letras**, 1991. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/public-enemy/1318405/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

ROSE, T. **Barulho de preto: RAP e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. São Paulo: FísicalBook, 2021.

SOUZA, A. H. C. *et al.* A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura. **Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 7, n. 2, p. 88-95, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/465>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ZIBORDI, M. A. **Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Computação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI 10.11606/T.27.2015.tde-29062015-144403. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-29062015-144403/pt-br.php>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Submetido em 1º de agosto de 2025.
Aprovado em 20 de fevereiro de 2026.